

28 NOV 1990

“O Brasil não deve ser um mau devedor ou um peso sobre capital”

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

À espera do reencontro com o negociador da dívida brasileira, embaixador Jório Dauster, previsto para hoje, ninguém tem sido mais duro que o Citicorp, no comitê assessor de bancos, em relação ao atraso de cerca de US\$ 8 bilhões em juros acumulados pelo Brasil.

O presidente do conselho do maior banco dos Estados Unidos, John Reed, disse que “o Brasil nos deve US\$ 3,4 bilhões mais US\$ 500 milhões em juros atrasados. O Brasil é a oitava economia do mundo, um líder chave no grupo das novas nações industrializadas. Ele não deve ser um mau devedor ou um peso sobre o nosso capital”.

Numa longa conversa com um professor da escola de administração de negócios da Universidade de Michigan, Noel Tichy, e com um consultor de empresas, Ram Charan, transcrita pela Harvard Business Review, Reed afirmou ainda que “nós não somos incapazes de absorver nenhum dos riscos com os quais estamos lidando”.



John Reed

Ele explicou que “podemos, se necessário, liquidar ativos ou adotar outras medidas que podem gerar os recursos para cobrir qualquer risco que tenhamos, inclusive o risco Brasil. Os reguladores (do governo dos EUA) concordariam comigo nesse ponto”.

Numa escala em Paris, durante um breve intervalo das atuais negociações com Dauster, o executivo sênior internacional do Citicorp, William Rhodes, repetiu sua toada insistente nos últimos tempos: “As reformas econômicas ado-

EFEITOS DE UM PAGAMENTO DE US\$ 2 BILHÕES DO BRASIL EM 1990 (Em US\$ milhões)				
	Empréstimos ao Brasil (1)	Receita projetada (2)	Valor por ação (3)	Percentual de mudança (%)
Bankers Trust	0,044	015	0.11	01,5
Chase Manhattan	1,580	053	0.24	(NS)
Chemical Bank	1,018	034	0.22	11,2
Citicorp	3,375	112	0.20	20,3
Manufacturers				
Hanover	1,285	043	0.36	08,9
J.P. Morgan	0,600	020	0.06	01,7
Continental	0,205	007	0.08	06,3
First Chicago	0,208	007	0.06	02,6
Bankamerica	1,769	059	0.17	03,4

Notas: (1) Total engrassado para reverter o descarte obrigatório de parte desses ativos determinado no segundo trimestre.
(2) Assume 35% dos juros anuais a uma taxa de 9,5%.
(3) Assume um percentual de imposto de 40%.

Fonte: Salomon Brothers Inc.

tadas pelos países latino-americanos os favorecem na busca do capital de risco, em relação à Europa do leste; mas os atrasos no pagamento da dívida existente estão contendo o apoio dos bancos”, declarou ele.

Rhodes ressaltou que a América Latina oferece algumas vantagens significativas para os investidores. Sobretudo “um contexto legal, contábil e econômico, incluindo sistemas de bancos comerciais e um código estabelecido de proprieda-

de privada”, que não existem na Europa do leste.

Mas ele mostra-se preocupado com o acúmulo de atrasos de pagamento dos juros, que alcançou US\$ 24 bilhões em outubro último, vindo de apenas US\$ 7 bilhões em abril de 1989, quando começou a operacionalização do Plano Brady de redução da dívida dos países em desenvolvimento. Rhodes lembra que Brasil e Argentina são responsáveis por metade do atraso.

A percepção do mercado sobre a posição brasileira na atual renegociação, contudo, é positiva. “Nós acreditamos que a moratória de 18 meses do Brasil no pagamento de juros aos bancos comerciais pode acabar no futuro próximo, através pelo menos de um pequeno pagamento de seu atraso estimado em US\$ 8 bilhões”, dizem Thomas Hanley, John Leonard e Diane Glossman num estudo sobre o País para a Salomon Brothers Inc. A partir de sua análise sobre as contas brasileiras, Hanley e seus colegas calculam que a capacidade de pagamento do País aos bancos comerciais está entre US\$ 2 bilhões e US\$ 2,5 bilhões. Mas eles admitem que o governo brasileiro queira reter parte dessas reservas como um instrumento de negociação do principal.

A oferta inicial do governo Collor de Mello aos bancos leva a Salomon Brothers a concluir que seu objetivo estratégico real é um pagamento de US\$ 1,5 bilhão neste ano. Hanley e sua equipe notam também que o presidente Collor de Mello, que tratam por Francisco em vez de Fernando, “está assumindo um papel mais ativo” na renegociação.

Além disso, no que parece ser um boato com força crescente, que dá uma idéia de como os bancos credores se simpatizam com o embaixador Dauster, Hanley, Leonard e Glossman afirmam que “não ficaremos surpreendidos se a equipe de renegociação for realinhada, o que pode resultar numa abordagem mais construtiva do que tem sido evidente até aqui”.